

Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



ABAIXO os planos belicistas da Otan!

Na reunião do conselho ministerial da OTAN realizada em Lisboa, nos dias 3 e 4 de Junho, sob uma vaga de protestos dos países africanos, dos movimentos de libertação das colónias portuguesas, de partidos e forças progressistas de todo o mundo, os imperialistas deste bloco agressivo insistiram em levar por diante os seus planos tenebrosos contra a paz, a liberdade e o progresso dos povos.

Mandando ocupar a cidade pelas forças policíacas e militares, o governo caetanista demonstrou estar bem consciente do ódio crescente do povo português ao domínio imperialista em Portugal e dos seus anseios de paz, bem expressos nas acções da A.R.A. e em milhares de inscrições, manifestos e tarjetas distribuídos no País, desmascarando o carácter belicista do Pacto do Atlântico e a ajuda dos imperialistas da OTAN às criminosas guerras conduzidas pelos fascistas-colonialistas em África.

Os fomentadores de guerra reunidos em Lisboa bem tentaram vestir a pele de cordeiros pacíficos apregoando os seus falsos propósitos de Paz, depois da precedente reunião dos generais do Comité de Planeamento de Defesa da Otan, em Bruxelas, já ter decidido o aumento das despesas militares para a execução dos seus planos de guerra. Revelador de tais planos foi também o comunicado final da reunião de Lisboa ao deixar sem resposta as recentes propostas da União Soviética sobre a redução das forças militares na Europa e as constantes iniciativas dos países socialistas com vista ao desanuviamento da tensão na Europa e no mundo.

Corrida aos armamentos, regresso ao clima de guerra fria, antisovietismo, apoio aos colonialistas portugueses e às suas guerras criminosas, eis a orientação traçada pelos imperialistas americanos, e que a reunião de Lisboa, apesar dum ou outra voz discordante, como, por exemplo, a do ministro dos negócios estrangeiros da Noruega, não fez mais que aprovar.

Os governantes fascistas portugueses apareceram entre os mais encarniçados defensores desta política. No seu discurso inaugural, M. Caetano não hesitou em inocular «os grandes burgueses», numa alusão

aos países capitalistas mais realistas que se pronunciam pelo alargamento das relações com os países socialistas. E foi mais longe ao invocar o enfraquecimento interno das «resistências nacionais» e a desorganização da «defesa dos Estados» formulando assim um mal dissimulado pedido de intervenção militar da OTAN para esmagar a luta do povo português pela democracia e a liberdade.

A reunião da OTAN em Lisboa constituiu de facto um apoio político e moral dos imperialistas à política fascista e colonialista de M. Caetano. E apesar do silêncio com que têm tentado camuflar a sua ajuda, tudo indica que ela vai ser ainda maior, que serão ainda maiores as concessões dos governantes portugueses ao imperialismo estrangeiro, que a militarização do nosso País vai aumentar, que aumentarão as privações e os sacrifícios do povo português.

Para o povo português é, pois, uma exigência vital combater a política militarista e de submissão ao imperialismo do governo, protestando contra as exorbitantes despesas de guerra opondo-se às criminosas guerras coloniais, reclamando a realização duma Conferência sobre a segurança europeia e relações amistosas com todos os povos, exigindo a saída de Portugal do bloco agressivo da OTAN.

Depois do 1º de Maio Avante para novas batalhas pelo Pão, a Paz e a Liberdade

Ao chamamento do Partido Comunista, desceram à rua dezenas de milhares de trabalhadores, estudantes, intelectuais. Enfrentando corajosamente a brutalidade

O 1º de Maio foi uma grande jornada de luta Mais de 20.000 manifestantes no Porto

A repressão e as manobras intimidativas das forças repressivas que vinham tendo lugar nas semanas anteriores ao dia 1º de Maio (cont. na 2ª pag.)

e a violência das forças repressivas, os manifestantes proclamaram no Porto, no Barreiro, em Vila Franca de Xira, em Leiria:

Viva o 1º de Maio! Liberdade! Abaixo o fascismo! Fora a Pide! Abaixo a guerra colonial! A juventude está contra a guerra colonial! Liberdade para os presos políticos! Amnistia! Abaixo a vida cara! Aumento de salários! Liberdade sindical! Direito de greve! Viva a luta e a unidade da classe operária! Viva o P.C.P.! Abaixo o governo de M. Caetano!

Agitação—Factor importante para a grande jornada do 1º de Maio

A grande agitação realizada dias antes do 1º de Maio deve ser considerada como um dos aspectos mais importantes do trabalho realizado pelas organizações do Partido para a mobilização das massas trabalhadoras.

Centenas de milhar de exemplares de manifestos e tarjetas, assim como centenas de inscrições com as palavras de ordem do Partido foram distribuídas, lançadas e feitas nas zonas mais importantes do País e em numerosas empresas. No Porto e em Lisboa 350.000 exemplares; na zona industrial da margem sul do Tejo, Setúbal, Évora, Grândola 85.000; na zona de Vila Franca de Xira cerca de 30.000; na zona de Santarém-Alcanena, Torres Vedras e zona de Sacavém, 10.000. Outros milhares de exemplares foram distribuídos noutras zonas do País.

À LUTA Contra a censura!

Uma nova batalha contra a censura está em marcha. A proposta de «lei de imprensa» — a «lei da rolha» a Caetano — que o governo se prepara para fazer aprovar na A.N. fascista e com a qual procura iludir a questão da censura, reforçando-a de facto sob a aparência de decretar o seu desaparecimento, está a ser objecto de um largo movimento de protesto.

«... o essencial da repressão de todos as expressões do pensamento, que agora há cerca de quarenta anos, provocando estragos irreparáveis na vida e no trabalho dos portugueses, poderá permanecer ou agravar-se a partir da proposta de lei apresentada...», afirmam 132 personalidades ligadas à vida intelectual portuguesa que resolveram constituir-se em COMISSÃO NACIONAL DE DEFESA DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO, contando-se entre elas os nomes bem conhecidos de Ferreira de Castro, Fernando Lopes Graça, Rodrigues Lapa, Keil do Amaral, José Gomes Ferreira, Maria Lamas, Lindley Cintra, Paulo Quintela, Oscar Lopes, Fernando Namora, Armando de Castro, Alberto Ferreira, José Tengarrinha, Carlos de Oliveira, Vitorino Magalhães Godinho, Augusto Abelaira, Victor de Sá, Joaquim Namorado, Manuel da Fonseca, Manuel Ferreira, Salgado Zenha, Bernardo Satarelo, Rogério Paulo, Sophia de Mello Breyner Andersen, Padre Urbano Duarte, José Saramago, Egipto Gonçalves, Isabel da Nóbrega, Jorge Peixinho, Orlando Costa.

Num texto destinado a subscrição nacional e largamente difundido em todo o País proclama-se que «os signatários repudiam desde já a proposta governamental e todas que a ela se assemelhem e visem manter qualquer forma de censura, quer expressa, quer disfarçada.»

Em vários colóquios, assembleias e reuniões, a proposta do governo e a existência da censura têm sido submetidas a uma denúncia resoluta, ao mesmo tempo que se recolhem abertamente assinaturas para o abaixo-assinado nacional.

Por sua vez, as Direcções Sindicais, em documentos dirigidos ao Presidente do Conselho de Ministros, ao mesmo tempo que protestam contra a interferência discrecional da censura nos hotéis sindicais, declaram: «os sindicatos são compelidos a reiniciar um clima de liberdade de expressão efectiva que possa servir de base a uma autêntica intercomunicação dos trabalhadores portugueses no sentido da defesa intransigente e imperiosa dos seus direitos.»

Pelo objectivo que visa, pelo amplo carácter unitário de que se reveste, pelas largas perspectivas de mobilização das massas que oferece, a actual CAMPANHA CONTRA A CENSURA constitui, no momento, uma das mais importantes frentes da luta antifascista.

A classe operária, a mais interessada de todas as classes no desaparecimento da censura, deve manter-se na vanguarda da campanha, impulsionando-a, dinamizando-a, alargando e organizando a sua base de apoio, imprimindo-lhe um carácter verdadeiramente popular.

AUGUSTO LINDOLFO FOI PRESO E A SUA VIDA CORRE PERIGO

A PIDE-DGS prendeu em fins de Maio o destacado militante comunista Augusto Lindolfo.

Libertado em 1968, depois de mais de seis anos de duro cativeiro nas Cadeias fascistas, Augusto Lindolfo, tendo embora a saúde gravemente debilitada, retomou prontamente o seu posto de combate nas fileiras do Partido da classe operária e no seu quadro clandestino.

Augusto Lindolfo está a ser torturado. A PIDE-DGS está a descarregar sobre ele o seu ódio ao Partido Comunista, à classe operária, ao povo português; ódio acrescido pelos recentes e magníficos sucessos da luta popular.

O Partido Comunista Português tem fortes razões para recelar pela vida de Augusto Lindolfo.

O Partido Comunista Português chama a classe operária a agir prontamente em defesa da vida de Augusto Lindolfo e apela para a solidariedade activa de todos os democratas e antifascistas.

CESSEM AS TORTURAS A AUGUSTO LINDOLFO! LIBERDADE PARA AUGUSTO LINDOLFO!

A Comissão Executiva do Comité Central do Partido Comunista Português

A A.R.A.

contra a reunião da Otan em Lisboa

A reunião do Conselho do Pacto do Atlântico no passado dia 3 de Junho, em Lisboa, não foi apenas mais uma manifestação contra a paz, ela representou também uma manifestação de apoio político das principais potências imperiais ao regime fascista português e à guerra que este conduz contra os povos de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

« Interpretando o sentimento geral de indignação do povo português contra a reunião da NATO em Lisboa, a Acção Revolucionária Armada, como protesto, procedeu na madrugada do dia 3 de Junho, ao corte total das comunicações rádio telegráficas e telefónicas de Portugal com o resto do mundo, assim como de Lisboa com os diversos pontos do país. » (Comunicado do Comando Central da A.R.A. de 3 de Junho).

Estas novas e corajosas acções da A.R.A. de grande repercussão política nacional e internacional, desorientou os meios afectos à reunião do Conselho da OTAN e mais ainda as autoridades fascistas, que tudo fizeram para esconder o grande acontecimento, não obstante todos os serviços da reunião terem sido seriamente afectados.

Se a reunião da OTAN chamará, por razões diversas, as atenções da opinião pública internacional para Lisboa, as acções da A.R.A., isolando Portugal do Mundo, repercutiram de um extremo ao outro da terra o protesto de todo um povo.

No dia 4 a BBC de Londres re-

sumia dois artigos do correspondente em Lisboa do jornal « Guardian »:

« Na manhã do dia 3 quando ia começar a sessão inaugural da NATO, o motivo de interesse para todos não era o que M. Caetano iria dizer nessa manhã na A. Nacional Portuguesa, mas sim os acontecimentos dessa madrugada que nos deixaram, de forma tão inesperada, isolados do mundo. Era notório o embaraço das autoridades portuguesas e de grande inquietação o ambiente existente nos meios responsáveis pela reunião. »

O jornal reaccionário de Paris, « Le Figaro », de 4 de Junho, informava:

« Durante 6 horas nenhuma ligação pôde ser estabelecida entre Lisboa e o mundo exterior. » « Quanto aos jornalistas, eles interrogavam-se porque meio vão agora transmitir as suas notícias aos seus jornais e agências. »

E a Rádio da Alemanha Ocidental, baseada nas informações dum correspondente em Lisboa, dizia:

« ... quando de madrugada os telex pararam subitamente após um ruído infernal a confusão foi enorme. Todos ficámos perplexos. Corremos para os telefones, mas estes também não funcionavam. Ficámos subitamente isolados do mundo. »

As acções corajosas da A.R.A. contribuíram decisivamente para que a reunião da OTAN em Lisboa se tivesse saldado por um fracasso político para o governo de M. Caetano.

SAUDAÇÕES DO P.C.P.

a partidos irmãos

Transcrevemos algumas passagens das mensagens recentemente enviadas pelo CC do PCP aos CC de outros partidos irmãos, por ocasião do 50º aniversário da sua fundação.

AO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO POPULAR MONGOL: « Os sucessos obtidos pelo vosso Partido neste meio século de vida, os feitos do vosso po-

vo trabalhador na construção do socialismo na Mongólia—outrora um país feudal, atrasado e colonizado, hoje um dos membros do grande campo socialista que marcha na vanguarda do progresso—são não sómente um motivo de justa satisfação para os comunistas e os trabalhadores da Mongólia, mas também uma fonte de inspiração e uma rica experiência criadora para todos os comunistas e para os trabalhadores e os povos do mundo inteiro. »

AO PARTIDO COMUNISTA DA CECOSLOVAQUIA: « O papel dirigente do partido permitiu que, em estreita aliança com a URSS e outros países socialistas, a Checoslováquia socialista tenha feito frente com êxito às actividades do imperialismo e das forças anti-socialistas e contra-revolucionárias internas e prossegua a construção da sociedade socialista, único caminho que pode assegurar o bem-estar progressivo dos trabalhadores, o desenvolvimento económico e cultural, a liberdade e a independência nacional da Checoslováquia. »

AO PARTIDO COMUNISTA ROMENO: « Durante metade da sua existência, o Partido Comunista Romeno lutou em complexas condições, forçado à clandestinidade, muitos dos seus militantes foram mortos ou sofreram longos anos de prisão. E mais à frente: « Sob a direcção do vosso Partido, a construção do socialismo no vosso país não só representará uma transformação radical na vida do povo romeno, como constitui uma contribuição importante para o desenvolvimento da comunidade socialista, para a luta dos trabalhadores nos países ainda dominados pelo capital, para a luta dos povos contra

(cont. na 1ª pág.)

DEPOIS DO 1º DE MAIO

(cont. da 1ª pág.)

e que atingiram neste dia aparato bélico, não impediram que o dia 1º de Maio fosse uma grande jornada de luta do proletariado e antifascista.

No Porto, apesar disso e contra isso, mais de 20.000 operários e outros trabalhadores, estudantes e intelectuais descem à rua, manifestam-se durante duas horas e meia, reclamam melhores condições de vida, liberdade, paz. Dos choques provocados pelas forças repressivas resultam feridos, alguns das forças repressivas e a prisão de cerca de duas dezenas de manifestantes. Contra isto, teve imediatamente lugar uma acção de protesto de carácter largamente unitário com a ida de advogados à sede da PIDE reclamar para os presos assistência jurídica e o envio de telegramas a M. Caetano com dezenas de assinaturas de democratas mais conhecidos do Porto protestando contra a vaga repressiva brutal das forças repressivas e reclamando a libertação dos presos.

440 trabalhadores, em especial metalúrgicos, requereram ao governador civil autorização para realizar uma sessão comemorativa do 1º de Maio.

Em Trofa, Lousado, Águeda, Vila Franca de Xira, etc., grandes inscrições, manifestos, tarjetas e outro material de propaganda assinalaram o 1º de Maio.

Em Aveira, um grupo de rapazes e raparigas, cada um com sua rosa vermelha, foram ao cemitério depô-las na campa do nosso saudoso camarada Dr. Mário Sacramento. À saída esperava-os uma força da P.S.P. com metralhadoras e capacetes de aço, mas os jovens não se intimidaram com as ameaças.

No Barreiro, apesar de ocupada pelas forças repressivas, a agitação foi grande e cerca de 800 trabalhadores, com o apoio geral da população concentrada nos passeios e nas janelas, manifestaram-se durante uma hora nas ruas.

Em Torres Vedras, na maioria das empresas ninguém trabalhou, assim como na indústria de curtumes de Alcanena, como é tradicional. Em Vila Moreira, muitos operários não trabalharam, dezenas de rapazes e raparigas confraternizaram e falaram sobre o 1º de Maio e dos seus problemas. Em Pero Pinheiro, tiveram lugar várias reuniões de trabalhadores. Em Alpiarça, foram lançados dezenas de morteiros e ninguém trabalhou.

Em Sacavém, Moscavide, Almada, apesar do grande aparato repressivo concentraram-se muitos trabalhadores nos principais centros destas localidades. Várias fábricas de cortiça da Cova da Piedade não laboraram, assim como a empresa de construção naval « Olho de Boi », de Cacilhas.

Em Lisboa, se bem que não tenhamos assistido a uma manifestação em que as massas proclamassem as suas reivindicações, mais de 200.000 exemplares de manifestos e tarjetas, assim como inscrições nos muros, assinalaram o dia 1º de Maio. No liceu D. João

de Castro, 300 estudantes cercaram um contínuo que tentava pagar inscrições alusivas ao 1º de Maio. À tarde outros 300 estudantes fizeram o mesmo e novas inscrições foram feitas.

Em Matosinhos, 5.000 pescadores fizeram greve. Aliando o dia 1º de Maio à luta pelas suas reivindicações os valentes pescadores da sardinha foram para a greve por 50\$00 por dia, abono de família durante todo o ano, não ir ao mar de domingo para segunda feira e outras. Das 150 traineiras apenas meia dúzia foram para o mar, mas com o auxílio da polícia.

Analisar as deficiências
Preparar novas acções

Vários factores poderão explicar o facto de em Lisboa não ter arrancado uma manifestação. Parece-nos, que o aparato repressivo, só por si, não o explica nem o pode explicar.

Independentemente de terem sido mal escolhidos o local e a hora, houve, sem dúvida, graves deficiências de organização na preparação da manifestação.

A avaliação de forças e da disposição das massas num sentido demasiadamente optimista pode ter levado a pensar-se numa grandiosa manifestação na principal artéria de Lisboa, confiando-se em demasia no poder mobilizador do manifesto, da targeta e da Rádio Portugal Livre e, consequentemente, a desprezarem-se outras hipóteses, mais modestas sim, mas nem por isso menos importantes, tanto na cidade como nos arredores.

Agitação desempenha sempre, sem sombra de dúvida, um grande papel esclarecedor e mobilizador das massas, mas se não for acompanhada dum eficiente trabalho de organização a todos os níveis não será a golpes de manifestos e muito menos cultivando-se a espontaneidade que as massas serão mobilizadas e arrancarão para a luta reivindicativa e antifascista. A organização é sempre o factor decisivo, quer na preparação das acções e movimentos, quer na sua condução e direcção. O exemplo do Porto aí está mais uma vez a comprová-lo.

A manifestação relâmpago em frente da Câmara de Leiria onde foram gritadas as palavras de ordem para o 1º de Maio não dando tempo à polícia para intervir é uma experiência que merece ser retirada.

A ideia muito arreigada de que há que enfrentar sempre, e em todas as circunstâncias, as forças repressivas é absolutamente errada. Importa, por isso, analisar sempre cada caso concreto antes de passar à acção.

As deficiências assinaladas e que importa analisar mais a fundo em nada diminuem a importância da jornada do 1º de Maio que foi não obstante uma grande jornada de luta.

Depois do 1º de Maio, há que dar um balanço à situação e preparar novas acções de massas contra a carestia de vida, por aumento de salários, pela semana de 44 horas, contra a repressão e pela amnistia, contra a censura e pela liberdade de expressão, contra a guerra colonial, pela liberdade política.



NAS EMPRESAS

FAZER FRENTE A REPRESSÃO POLICIAL e avançar na batalha contra a exploração

Animados pela sua própria experiência de luta ou seguindo o exemplo dos seus camaradas noutras empresas, o trabalhadores desenvolvem grandes acções por aumento de salários e outras reivindicações fundamentais.

Os operários da empresa americana **FINESTONE** (Alcochete) declararam-se em greve em fins de Março, reivindicando aumento de salário, semana de 42 horas e outras melhorias. Apesar do enorme aparato repressivo (6 carrinhas da PIDE-DGS, um pelotão da GNR, 2 agentes da Pide junto do relógio do ponto) e das ameaças constantes do Instituto Nacional de Trabalho, a unidade dos trabalhadores não foi abalada. A greve durou 4 dias terminando com uma bela vitória para os trabalhadores: aumento de 26% nos salários.

As 800 operárias têxteis da fábrica **SIMÕES** (Lisboa) recorreram à greve nos princípios de Maio reivindicando aumento de salários. Procurando intimidar e entrava a luta, dezenas de agentes da P.S.P. ocuparam a fábrica.

Os operários da fábrica **CABOS D'ÁVILA** (Lisboa) estiveram em

greve 2 dias nos fins de Abril. Reagindo contra o despedimento dum trabalhador pela sua acção em torno do Contrato Colectivo de Trabalho, os operários dos turnos das 16 e da meia-noite voltaram a recusar-se a trabalhar no dia 30 de Abril. 70 agentes da GNR intervieram prontamente intimidando-os a retomar o trabalho.

As operárias da empresa sueca **GEFFA** (A. Madros) recorreram de novo à greve protestando contra o regime humilhante que o patronato lhes queria impôr para utilização da casa de banho. Após 1 dia e meio de greve, as operárias venciam mais uma vez.

Os operários da **UTIC** (Lisboa) paralizaram na parte da tarde do dia 4 de Maio, protestando contra o adiamento indefinido da satisfação da sua reivindicação de aumento de salários. Dias depois, alcançavam um aumento de 10\$00 em média.

No Centro de Informação e Transmissões da NATO, no dia 3 de Abril, os electricistas fizeram greve às horas extraordinárias tal como haviam avisado dias antes. Reivindicavam fim do desconto de 25%

sobre as horas extraordinárias e aumento de salário. Por se terem mantido firmes e unidos ante as ameaças patronais e a presença intimidativa da GNR, os operários conquistaram: 10\$00 diários de aumento de salário e mais 10\$00 para compensar os descontos sobre as horas extras.

Também na Fonte da Telha e Oeiras, onde se encontram em construção as mesmas instalações, os operários se recusaram a fazer horas extraordinárias.

Os pescadores de Setúbal recusaram-se a ir para o mar no dia 1 de Abril por não serem atendidas as suas reivindicações de aumento de percentagens sobre o pescado, melhores condições nos subsídios e pensões, 2 dias de feriado pelo Natal e pela Páscoa.

Ao cabo de 2 semanas de greve, os pescadores viam parcialmente satisfeitas as suas reivindicações.

A Comissão de Unidade do **ARSENAL DO ALFEITE** avistou-se com o ministro da Marinha para reclamar a satisfação imediata das reivindicações dos trabalhadores uma vez que a Administração deira o dito por não dito deixando passar o prazo fixado para tal.

Na fábrica **HIPÓLITO** (T. Vedras) foram formadas comissões em todas as secções que em nome de centenas de operários reivindicaram aumento de salário junto do patronato. Alcançaram um aumento médio de 12\$50 para os homens e 10\$00 para as mulheres.

Na **TAP** (Lisboa), 3.000 trabalhadores participaram numa acção geral de protesto contra a má qualidade da comida no refeitório, boicotando os seus serviços nos dias 16 e 17 de Abril.

Na **BARROS** (Cabo Ruiivo) a greve de 8 de Março deu os seus frutos. Os trabalhadores foram aumentados em 10\$00 diários.

Os profissionais da propaganda médica da empresa alemã **MERCK** travaram uma luta vitoriosa contra os desmandos do gerente alemão que fizera arbitrariamente 3 despedimentos e acompanhava com insultos de carácter racista a exploração dos trabalhadores. Após o abaixo-assinado de protesto com cerca de 500 assinaturas, a acção conjunta de mais de 2 dezenas de Sindicatos, o abaixo-assinado de cerca de uma centena de médicos de Coimbra, além doutras acções, a empresa viu-se forçada a satisfazer inteiramente as reivindicações dos trabalhadores, as quais representam benefícios de cerca de 3.000\$00 mensais, e a indemnizar os 3 empregados despedidos.

Trabalhadores! A vossa luta deve ser sempre organizada de forma a que a repressão policial encontre a vossa resistência unida e corajosa. Não podeis permitir que recorrendo à intervenção policial o patronato explorador imponha a sua vontade. Mantendo-vos firmes

Aumento de salários! TRAVAR O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

M. Caetano e outros serventuários dos monopólios e dos grandes capitalistas sabem que mentem quando dizem que o aumento de salários provoca obrigatoriamente o aumento dos preços. Mentem também quando dizem que os salários têm aumentado mais rapidamente do que a produtividade do trabalho.

Em Março passado, os dirigentes da empresa **SONAE** confessavam que entre 1962 e 1970 a produção e a produtividade por homem tinha aumentado 4 vezes; por sua vez, o Crédito Predial Português destacava que sem aumento sensível do número de empregados tinha sido possível, em 1970, mais do que triplicar o movimento realizado e os lucros obtidos. E em Abril, os dirigentes da Companhia Portuguesa de Celulose salientavam que no curto espaço de três anos tinha duplicado a produção.

Cada trabalhador sabe, por experiência própria, que o aumento de salário se verifica sempre depois — às vezes muito depois — de terem aumentado os preços e isso mesmo sempre à custa de dura luta ou em resultado dela. Cada trabalhador sabe também que os aumentos de salários verificados nos últimos anos não correspondem ao produto do seu trabalho nem na maioria dos casos acompanharam o aumento do custo de vida.

Saliente-se ainda que com o avanço da tecnologia o custo da produção tende a baixar. Sucede, porém, que os capitalistas sempre ávidos de lucros não se contentam em tirar todo o proveito da técnica, elevam paralelamente os ritmos de trabalho e aumentam os preços dos produtos como forma suplementar de exploração da classe operária e das massas trabalhadoras.

Em 1970, somente 11 bancos (não incluídos o Nacional Ultramarino e o de Angola), 2 empresas produtoras de electricidade, 1 de construção naval, 3 metalomecânicas, 1 companhia de navegação e 3 de seguros tiveram de lucros líquidos confessados a linda soma de 1.424.700 contos.

A situação exige que os salários sejam aumentados sem perda de tempo e posto um travão ao aumento do custo de vida. Isso pode e deve ser feito. Só pela luta, porém, os trabalhadores forçarão o patronato e o governo a satisfazerem aquelas reivindicações.

mes e unidos sem vos deixardes intimidar pelo aparato repressivo das forças policiais até que sejam totalmente satisfeitas as vossas justas reivindicações, podereis avançar vitoriosamente na luta contra a exploração capitalista. A vossa voz deve fazer-se ouvir com força em todas as empresas dominadas pelo capital estrangeiro ou a ele associadas, contra os vossos exploradores nacionais e estrangeiros, contra o domínio imperialista em Portugal.

CONCENTRAÇÕES E GRANDES ASSEMBLEIAS nos Sindicatos Nacionais

As concentrações, reuniões e assembleias nos Sindicatos Nacionais, que milhares de trabalhadores de numerosos sectores profissionais conseguem levar a cabo no clima ardiloso, intimidativo e repressivo da organização corporativa põem à prova a determinação das massas trabalhadoras de levar por diante o movimento sindical, contra todas as tentativas do governo para o controlar e dominar.

Cerca de **2.000 motoristas** do distrito de Lisboa reunidos em Assembleia Geral no dia 26/3 para discutir o relatório e contas do ano findo não acataram as decisões da direcção local nem a gritante injustiça que tem vindo a restringir o direito de voto aos sócios eleitores (1 por 150, escolhidos pela direcção). Os 36 «eleitores» presentes nesta Assembleia não se atreveram a decidir por 2000, temendo que estes com razão concretizassem a ameaça de não deixar sair dali inteiros os que aprovassem o aumento da quota proposta pela direcção.

400 metalúrgicos vindos de várias localidades fizeram uma concentração junto da sede do Sindicato de Aveiro com vista a pressionar a direcção para que esta tomasse posição junto do governo que está fazendo descaradamente o jogo do patronato não nomeando o árbitro presidente para a Comissão arbitral e arrastando por sua conta as negociações do C.C.T.

Numa Assembleia Geral com

cerca de **2.000 têxteis do Porto** para discutir o C.C.T., estes continuaram a dar provas de grande combatividade contra a Comissão Administrativa que as sucessivas arbitrariedades do patronato e do governo têm conseguido impôr. Os operários denunciaram as cedências da C.A. durante as negociações com o patronato e aprovaram uma moção para que aquela se solidarizasse com as posições tomadas por 20 sindicatos em reunião inter-sindical anteriormente realizada para discutir alguns aspectos da legislação fascista do trabalho ultimamente publicada.

Os **têxteis de Famalicão**, a quem fora também arbitrariamente impugnada a lista da classe, viram reconhecida a sua razão na sentença do Tribunal de Trabalho. Interpondo recurso da sentença, o patronato continua a servir-se da larga margem de manobra que lhe deixa a lei fascista para arrastar o mais possível a situação.

Os **estivadores do Porto de Leixões** reagiram com energia à intervenção da GNR que no princípio deste ano, espezinhando a lei, impediu a realização duma Assembleia geral a propósito de não ter sido autorizada pelo ministro. Dias depois, faziam greve geral. No dia 17/1, com a participação massiva dos estivadores, estes impunham a realização da Assembleia geral. Nela foi eleita uma

(cont. na 1ª pag.)



CAMPANHA DE FUNDOS 50º aniversário P.C.P.

Transporte	Id.	1.000\$00	Glória ao	do PCP 2.000\$00
. 507.432\$50	Id.	300\$00	Part. C.P.	50\$00
A.L. pelo	Id.	20\$00	Gogol	5\$00
50º	Id.	100\$00	Grupo amigos	
A lutar ven-	Canais Ro-		D. Lour.	200\$00
ceremos	cha	200\$00	(VF)	
Id.	Cast.Verm.	10\$00	Guilther-	40\$00
Id.	Cat.Euf.	50\$00	mina	
A memória	Id.	40\$00	Ho-Chi	20\$00
de «Che»	Id.(L)	20\$00	Minh	
(J)	Centralismo		Imp.	
Id.(M)	democ.	5.000\$00	democ.	50\$00
A memória de	César		Id.(1)	50\$00
F. Vicente	Anjo(2)	500\$00	Id.(1)	50\$00
A memória de	Id.(3)	500\$00	Iniciativas	50\$00
filho de Dias	Cholokov	10\$00	aniv.	500\$00
Lawrence	Cinqente-		José Gregó-	5.000\$00
Id.	nário (IL)	600\$00	rio (P)	
A memória de	Contrib. extra		José Gregó-	500\$00
José Gregó-	(AL)	100\$00	rio	
rio (M)	Cultura		José Ma-	400\$00
A Vit. é	Popular	200\$00	gro	
nossa (50º	Id.	35\$00	Lan'erna	100\$00
aniv.)	Desenhos		Lenine	5.000\$00
Abaixo a	50º aniv.	87\$50	(3)	
censura	Dias		Liberdade para	
Ab. a guerra	Coolho	10\$00	A.D.L.	895\$00
Colonial	Id.	10\$00	Libert. dos	
Ab. as guerras	Dinis Mi-		p. pol.	100\$00
coloniais	randa	150\$00	Lista Natal	
Albina	Dum fato		nº 68	405\$00
Pato	macaco	5.000\$00	Lista Nat.	107\$50
Alerta	Economia		Id.	107\$50
trab.	social	500\$00	Listas 50º	
Alex	Id.	80\$00	aniv.	662\$50
Amigo Aten-	Id	20\$00	Luta popu-	
tejano	Econ. verme-		lar	1.375\$00
Amigos e ar-	lho (A)	1.000\$00	M.R.	100\$00
redores	Embl. do		Maria	
Id.	PCP	490\$00	Machado	500\$00
Amigos em	Id.	80\$00	Morr, Engels	
Lisboa	Id.	47\$50	e Lenine	100\$00
Amigos	Emb. do Par-		Médicos	
do P.	tido	220\$00	Comun.	370\$00
Amnistia	Emb. 50º		Metalúrgicos	
Angelo	aniv.	220\$00	Verm.(N)	140\$00
Veloso	Id.	20\$00	Miguel	
Id.	Id.	120\$00	Pamos	2.500\$00
Id.	Id.	600\$00	Mil. Alfa	50\$00
Id.	Id.	600\$00	Id.	50\$00
Id.	Id.	600\$00	Id.	50\$00
Id.	Id.	600\$00	Id.	50\$00
Ao Jaime	Ensin. socia-	12\$00	Id.	50\$00
Serra	lista		Id.	50\$00
ARA 70	Est. Alb.		Id.	50\$00
Id.	Canhal	1.033\$00	Id.	50\$00
Id.	Id.	816\$50	Id.	50\$00
Augusto	Fam. Alent.		Id.	50\$00
Aragão	(7-11)	500\$00	Id.	50\$00
Avante pela	Ferreira		Id.	50\$00
Revol.	Soares	100\$00	Id.	50\$00
Avante por um	Festa ver.	160\$00	Id.	50\$00
Port. Soc.	Firmeza ideo-		Id.	50\$00
Avião ver.	lógica	600\$00	Id.	50\$00
Bandeira	Firm.Rev.	500\$00	Id.	50\$00
vermelha	Francisco Mi-		Id.	50\$00
Beirão amigo	guel (N)	650\$00	Id.	50\$00
do Partido	Finc. semi-		Id.	50\$00
Beirão	públ.	210\$00	Id.	50\$00
vermelho	Geólogo		Id.	50\$00
Bento	bolchev.	180\$00	Id.	50\$00
Caraca	Glória ao		Id.	50\$00
30.000\$00	PCP (V)	280\$00	Id.	50\$00
Bento Gon-	Cinqent.	100\$00	Id.	50\$00
çalves	Id.	70\$00	Id.	50\$00
Camp. 50	Id.	70\$00	Id.	50\$00
anos P.C.P.	Id.	70\$00	Id.	50\$00
20\$00	Id.	70\$00	Id.	50\$00

NOS SINDICATOS NACIONAIS

(cont. da 3ª pág.)

Comissão para se deslocar a Lisboa, em conjunto com elementos do Sindicato, para apresentar as reivindicações dos estivadores.

1.000 electricistas do distrito do Porto reunidos em Assembleia geral no dia 17/1 reagiram vivamente contra a sua manobra dos elementos da lista do patrão que haviam violado a correspondência endereçada ao presidente da direcção visando impedir que a lista da classe saísse vencedora.

Alvo preferido das medidas arbitrárias e repressivas do governo, a classe operária tem de estar sempre pronta para responder rápida e audazmente a todas as investidas. Para tanto, impõe-se que as Comissões Sindicais e as Comissões de Unidade em todas as empresas coordenem os seus esforços no sentido de esclarecer e mobilizar massivamente os operários para a luta firme, unida e organizada, simultaneamente nas empresas e nos sindicatos.

RÁDIO PORTUGAL LIVRE Voz do P.C.P.

Transmite diariamente das 8 às 8,30 em 19 metros, das 19 às 21 horas em 26 metros. A última emissão é transmitida das 0,30 às 0,50 em 26, 32 e 36 metros, aos domingos, transmite ainda das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

O GOVERNO RECUA ANTE milhares de professores em luta

O descontentamento dos professores provisórios e eventuais do ensino secundário, acumulado em anos sucessivos de exploração e de degradação profissional transformou-se numa larga movimentação à escala nacional.

Depois da entrega dum abaixo-assinado com 480 ASSINATURAS reclamando o pagamento dos meses de férias, a luta ganhou um forte impulso NUMA REUNIÃO COM 140 PROFESSORES que encarregam uma Comissão de elaborar uma exposição reivindicativa a entregar pessoalmente a Veiga Simão.

INICIADO EM LISBOA, O MOVIMENTO ESTENDE-SE RAPIDAMENTE AO PORTO, A COIMBRA E AOS PRINCIPAIS CENTROS DO PAÍS. São criados «grupos de estudo» que estabeleceram contactos entre si. Saem comunicados. Circulam abaixo-assinados. Dezenas de professores participam em reuniões de trabalho, quinzenalmente em Lisboa, semanalmente no Porto. NA REUNIÃO GERAL COM 90 PROFESSORES REALIZADA EM LISBOA EM 5 DE FEVEREIRO, pela primeira vez estão presentes professores da propiincia. A ela chegam vários telegramas de apoio vindos de várias escolas do País. Uma reunião nacional de «grupos de estudo» tem lugar em Coimbra em 6 de Março. NO PORTO, A REUNIÃO DE 28 DO MESMO MES atrai ao liceu Garcia da Orta 250 PROFESSORES. No dia 2 de Abril, 300 PROFESSORES VINDOS DE TODO O PAÍS reúnem-se em Lisboa, na Escola Francisco Arruda.

Assustado com a amplitude deste movimento, o governo procurou em vão desmilitar-lo do seu justo rumo, enquadrá-lo e dominá-lo, canalizando para «discussão» da reforma fascista do ensino a movimentação de milhares de professores. As ordens de Veiga Simão, os directores e reitores passam a promover reuniões para tal «discussão» proibindo que os problemas candentes dos professores provisórios e eventuais fossem ali tratados. Porém, nessas reuniões, os professores protestam por não serem atendidas as suas reivindicações e muitas vezes põem completamente a nu o carácter demagógico da reforma. No reunião realizada na Escola Industrial de Vila do Conde, os professores impõem que fique escrito no relatório que enquanto se continuasse a gastar tanto dinheiro com a guerra não poderia haver reforma do ensino.

Na entrevista que se vê forçado a conceder, Veiga Simão afirma sem rodeios a uma comissão de professores provisórios e eventuais que a solução dos seus problemas faria correr o risco de obscurecer a «grande tarefa» da reforma... E não incluiu nas chamadas «grandes questões» o verdadeiro escândalo nacional que é a existência de 81,1% de professores provisórios e eventuais no ensino secundário cujas graves condições pedagógicas e sociais reflectem só por si o clamoroso estado de degradação do ensino a que conduziu a política salazarista «do espirito» e que M. Caetano, com o mesmo culto das «elites» não modificará.

No Congresso do ensino liceal realizado em Aveiro, o governo preocupou-se sobretudo em abafar a voz de protesto dos professores provisórios e eventuais quer dificultando a sua participação quer através dos professores fascistas que o dirigiam os quais não se cansaram de gritar demagógicamente que o Congresso era «do aluno». Porém sob a pressão dos professores dos principais centros do País, o Congresso foi forçado a sair dos moldes em que o governo e os professores fascistas o queriam enquadrar e transformou-se, sobretudo em algumas sessões, em mais uma jornada de luta dos professores.

A exposição reivindicativa com milhares de assinaturas dirigida ao Congresso não pode ser ignorada. O ministro teve de prometer o pagamento das férias e a solução dos problemas de colocação. Nas conclusões do Congresso foram incluídas algumas das reivindicações fundamentais dos professores, entre elas a criação duma Associação.

Porém, ao excluir os professores eventuais do pagamento das férias e ao procurar criar um pequeno grupo de privilegiados com promessas de futuros benefícios, Veiga Simão mostrou já que o governo tentará reduzir ao mínimo a satisfação das reivindicações dos professores e não hesitará em recorrer a todas as manobras de divisão para impedir o desenvolvimento da sua acção unida e organizada.

A luta dos professores terá de prosseguir. Mas só de forma cada vez mais ampla, insistente e decidida poderá alcançar maiores sucessos.

A luta dos professores terá de prosseguir. Mas só de forma cada vez mais ampla, insistente e decidida poderá alcançar maiores sucessos.

NÃO às despesas de guerra!

As reclamações populares, Caetano e os seus ministros respondem nas suas constantes arengas que os recursos não chegam para tudo ao mesmo tempo, que não se pode ir além do que os recursos permitem, etc...

Ora, recursos há, o que se gasta é mal.

No dia 13 de Maio passado, um decreto dava conta da conclusão de planos para reequipamento extraordinário do Exército e da Aeronáutica e autorizava o governo a contrair encargos de 1 milhão e 500 mil contos «para continuação desse reequipamento extraordinário»; e um outro autorizava o Ministério da Marinha a dispender 1 milhão 641 mil contos na compra de 4 navios de guerra.

Nos dois anos de 1970 e 1971 são mais de 25 milhões de contos que ardem em despesas de guerra.

Pode dizer-se, pois, que se outra fosse a orientação da política nacional, o desenvolvimento económico, cultural e social do País poderia ser outro, incentivado em grande, e melhoradas as condições de vida das massas laboriosas.

No seu próprio interesse e no interesse do País, o povo português deve dizer decididamente: «Não à guerra colonial, não ao Pacto do Atlântico, sim à paz na Europa e no mundo!»

Saudações do P.C.P.

(cont. da 2ª pág.)

o imperialismo».

Da fundação enviada ao PARTIDO SOCIALISTA UNIFICADO DA ALEMANHA pela passagem do seu 25º aniversário, destacamos: «Tendo sabido extrair as lições da longa e rica experiência do movimento operário alemão e das terríveis propagações do nazismo e da guerra, tendo recolhido a herança de Marx e Engels, de Bebel, Liebknecht, Luxemburgo e Thaelman, seguindo os ensinamentos da luta do Partido dos bolcheviques russos — o P.S.U.A. unificou a classe operária e forjou o seu partido leninista de tipo novo, elaborou cientificamente a solução dos grandes problemas que se colocavam frente à classe operária e ao povo alemão, aplicou uma sábia política de alianças». Depois de salientar que foi nesta firme base que o P.S.U.A. levou a cabo a revolução antifascista e democrática.



SAUDAÇÕES DOS PARTIDOS IRMÃOS

DO PARTIDO COMUNISTA ITALIANO

Queridos camaradas:

Por ocasião do quinquagésimo aniversário da fundação do Partido Comunista Português, enviamos-vos as nossas mais calorosas e fraternas saudações.

Foram cinquenta anos de luta que o vosso Partido enfrentou nas mais difíceis situações, afirmando-se mesmo na clandestinidade, como força nacional e popular que goza de largo prestígio entre os trabalhadores e as forças democráticas de Portugal.

Recordamos os valerosos militantes do vosso Partido caídos na luta antifascista e os que ainda sofrem a repressão policial, as torturas e a prisão. A estes camaradas queremos fazer chegar a mais completa solidariedade dos nossos militantes e de todos os antifascistas italianos.

Os comunistas italianos saúdam a corajosa acção que o vosso Partido conduz contra a ditadura fascista e o apoio concreto que assegura aos povos de Angola, da Guiné-Bissau e de Moçambique, em luta contra o colonialismo português e o imperialismo, pela sua liberdade e independência.

Os votos que vos dirigimos, reafirmando as relações de amizade e de cooperação que existem entre os nossos dois partidos na luta comum pela democracia e pela paz, contra o imperialismo e o colonialismo, são os votos de novos êxitos na vossa corajosa luta pela vitória das forças democráticas contra a ditadura, pela libertação dos patriotas que jazem nos cárceres fascistas, por um futuro de liberdade e de paz para o povo português.

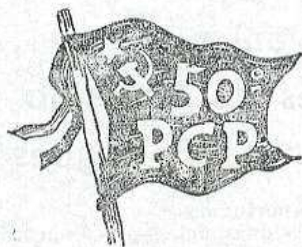
Em particular o nosso empenho é o de promover no nosso país a mais larga frente de forças antifascistas, democráticas e de esquerda, de apoio à luta do vosso povo, para que cesse o escândalo do apoio que a Aliança Atlântica dá ao regime de opressão e ditatorial que oprime Portugal.

Neste espírito, e fazendo votos pela mais ampla unidade de todas as forças antifascistas portuguesas, renovamo-vos, queridos camaradas, a nossa mais fraternal solidariedade.

O Comité Central do Partido Comunista Italiano

NOTA:

Recebemos também mensagens de saudação, de que daremos um resumo nos próximos números, dos partidos comunistas da Argentina, Finlândia, Luxemburgo, Israel, Grã-Bretanha, Alemanha, Grécia, Venezuela, Martinica, Colômbia, do Partido Progressista do Povo Trabalhador do Chipre, Partido Revolucionário Mongol, Partido Unificado dos Comunistas Haitianos, Partido Guatemalteco do Trabalho, Partido da Libertação e do Socialismo de Marrocos,



DO PARTIDO COMUNISTA DO JAPÃO

Ao CC do PCP

Por ocasião do 50º aniversário da fundação do Partido Comunista Português tornamos extensivas as nossas saudações e felicitações a todos os membros do PCP. Fazemos votos para que as lutas do vosso Partido e da classe operária portuguesa se desenvolvam contra a dominação imperialista estrangeira e a ditadura fascista, em apoio da luta de libertação das colónias portuguesas e que as relações entre os nossos dois partidos se desenvolvam através da luta comum contra o inimigo comum, e de acordo com as normas que regem as relações entre partidos irmãos, ou seja, a independência, a igualdade, a não intervenção mútua nas questões internas e a solidariedade internacional.

O Comité Central do Partido Comunista do Japão

DA FRENTE NACIONAL DE LIBERTAÇÃO DO VIETNAM DO SUL

Por ocasião do 50º aniversário da fundação do Partido Comunista Português, enviamos-vos e a todos os membros do vosso Partido as nossas mais calorosas saudações, em nome da população e da FNL do Vietnam do Sul.

Creemos firmemente que, com as suas tradições revolucionárias, o Partido Comunista e o povo português atingirão os seus nobres fins lutando com perseverança e vigor.

Queremos aproveitar esta ocasião para agradecer ao Partido Comunista e ao povo português o apoio que dão à nossa luta contra a agressão americana, pela salvação nacional.

Fazemos votos por que a solidariedade e a amizade entre a população do Vietnam do Sul e o povo português se desenvolvam cada vez mais.

O Comité Central da FNL do Vietnam do Sul

CONTRA A REPRESSÃO

Mais acções! Mais unidade! Mais audácia!

A braços com a crise que mina o regime, perturbado com o agravação das suas dificuldades e contradições internas, afundado numa política colonial criminosa e sem saída visível que dia a dia acentua o seu isolamento nacional e internacional, incapaz de dar solução a qualquer dos grandes problemas do País, impotente para conter o desenvolvimento da luta popular, o governo da ditadura, sob a chefia de M. Caetano, recorre cada vez mais desenfreadamente à repressão fascista contra a classe operária e todos os sectores democráticos e antifascistas.

« Estado Social » ou estado - de - sítio?

Os repetidos « stops » nas grandes cidades, nos centros operários, nos cruzamentos rodoviários; as barreiras nas estradas com revista de carros e identificação de passageiros; as « batidas » efectuadas por bandos da PIDE-DGS e por patrulhas da PSP e da GNR interceptando, identificando e detendo cidadãos que fazem a sua vida; a utilização de helicópteros, como vem sendo feita nas zonas operárias do Baixo Ribatejo e da Margem Sul, para uma vigilância sistemática sobre as populações; a vigilância permanente e ostensiva a democratas e ex-presos políticos; a repressão brutal de toda e qualquer tentativa de manifestação na via pública; as prisões numerosas e as torturas cruéis infligidas a todos os antifascistas

presos; os assaltos a livrarias e tipografias, as proibições de reuniões e a sua dissolução violenta—tudo isto mostra que o « Estado Social » prometido por M. Caetano e glosado pelos seus ministros e agentes se avizinha cada vez mais do estado de sítio permanente.

A ostentação da brutalidade

A forcaidade com que foram reprimidas as manifestações do 1º de Maio, particularmente no Porto, onde vários manifestantes foram espancados em plena rua até à perda dos sentidos, na linha da violência utilizada na repressão da manifestação dos caixeiros de Lisboa, na repressão das manifestações e reuniões dos estudantes de Coimbra, Lisboa e Porto; a « tortura do sono » e outras torturas aplicadas durante vários dias a todos os antifascistas ultimamente presos—jovens trabalhadores, estudantes de Coimbra e Lisboa e outros democratas—entre eles o jovem estagiário de advocacia de Lisboa, MARIO MARTINS DE CARVALHO, impedido de dormir durante oito dias e oito noites seguidos e a jovem estudante de direito de Lisboa, MARIA DA GRAÇA PINTO, que teve que ser internada num hospital em consequência das graves perturbações psíquicas derivadas das torturas; a preocupação dos torturadores da PIDE em exhibir junto das famílias (para que conste) as marcas deixadas pelas torturas e os espancamentos nas suas vítimas, como aconteceu com vários estudantes e útilmente com o conhecido democrata JOAQUIM SOUSA DUARTE (alfaiate de Lisboa) que apareceu na visita com um olho negro e sinais visíveis de longa sujeição à « tortura do sono » e o espancamento com re-

quintes de selvajaria do Dr. Cunha Leal, quando em casa da irmã tentava impedir a prisão ilegal de um seu sobrinho, na linha de espancamento idêntico infligido ao escritor Sotto Mayor Cordia, meses antes, na sede da PIDE-DGS—tudo isto indica que a PIDE-DGS, assim como a PSP e a GNR, cada vez mais identificadas com aquela, não só dispõem de indicações precisas do governo e do seu chefe, M. Caetano, para actuarem com toda a violência, mas são incitadas a fazê-lo com aparato, exibindo, ostentando a brutalidade para criar um clima de terror e de pânico geral que suscite o ascenso da luta popular e, porventura, e por tabela, mostre aos seus rivais da camarilha fascista, que clamam por mais repressão, que não é « fraco », nem « frouxo » como o apodam, mas um tirano que manda torturar os seus adversários políticos, como fazia Salazar, e até com maior impudência.

Em apoio dos presos políticos um movimento sem precedentes

M. Caetano e o seu governo não têm, porém, as mãos livres. Em apoio dos presos políticos e contra a intensificação da repressão desenvolvem-se um movimento sem precedentes.

Cerca de 2.000 PESSOAS reclamaram a libertação de JOAQUIM PIRES JORGE em documento enviado ao ministro do interior.

Cerca de 4.000 PESSOAS reclamaram a libertação de ANTONIO DIAS LOURENÇO em documento recentemente entregue às autoridades.

Cerca de 1.100 engenheiros de Lisboa já subscreveram um documento que reclama a libertação de **Bianqui Teixeira**, igualmente exigida em Assembleias Gerais das secções regionais da Ordem dos Engenheiros de Lisboa, Porto e Coimbra.

Cerca de 6.000 PESSOAS reclamaram há meses a libertação de JOSE MAGRO.

Em vários documentos a CNSPP,

composta actualmente por 64 personalidades de relevo da vida nacional, tem manifestado a sua preocupação perante o governo e o País pelo tratamento desumano de que são vítimas os presos políticos, nomeadamente na **Cadeia de Peniche**, pelas condições de interrogatório dos presos políticos, pela aplicação das medidas de segurança e tem reclamado prontas e eficazes medidas e a revisão da legislação em vigor. Fê-lo, em especial, na carta entregue na Presidência do Conselho, em 13/3/71, largamente difundida em todo o País, onde entre outras medidas reclama « a criação de um clima de convivência que implique a libertação de todos os presos políticos e permita ao mesmo tempo o regresso dos exilados, tornando possível a participação de todos na vida do País. »

Em dois telegramas enviados a M. Caetano, um com 32 assinaturas e outro com cerca de 200, democratas do Porto protestaram prontamente contra as prisões de manifestantes do 1º de Maio, ao mesmo tempo que elementos da Ordem dos Advogados procuravam tomar contacto com os presos e se interessavam pela sua defesa e o próprio Bastonário se deslocava à PIDE-DGS para se inteirar da assistência jurídica e da situação dos presos.

Contra as prisões de estudantes e democratas de Lisboa foram desencadeadas diversas acções de protesto, tiveram lugar dias de luta contra a repressão em algumas facultades da Universidade de Lisboa, ao mesmo tempo que documentos dos Sindicatos, de Associações de Estudantes, de comissões variadas e de grupos de cidadãos protestam contra as brutalidades da polícia, denunciam as torturas põem

(cont. na 6ª pág.)

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Contra o terror fascista e reaccionário.

Nos países submetidos ao imperialismo, as classes dominantes defendem com ferocidade os seus privilégios contra a luta dos trabalhadores e dos povos. Ditaduras fascistas, militares e reaccionárias subsistem em numerosos países. Muitas dezenas de partidos comunistas são forçados à clandestinidade e vítimas de criminosas perseguições.

Constantemente nos chegam notícias de violências e de crimes contra os trabalhadores e as suas vanguardas revolucionárias e apelos para a solidariedade internacional.

Na Grécia e em Espanha, a ditadura dos coronéis e a de Franco, insistem na repressão violenta do movimento operário e democrático, prendendo e mantendo nas prisões milhares de adversários políticos.

No Brasil continua o terror contra as organizações progressistas e revolucionárias, em particular os comunistas, efectuando-se milhares de prisões, torturando-se selvaticamente os presos, utilizando-se correntemente o assassinato político.

Na República Dominicana, onde a luta popular vitoriosa foi esmagada pela intervenção militar norte-americana em 1965, o governo de Balaguer mantém o terror, sendo presos e caídos assassinados numerosos revolucionários.

No Paraguai, na Guatemala, no Haiti e outros países da América Latina, os trabalhadores, os democratas, os militantes revolucionários, são sujeitos às mais arbitrárias perseguições, sendo o assassinato político uma arma preferencial das camarilhas governantes.

No Iraque continuam as prisões de militantes comunistas e revolucionários, que são submetidos a torturas cruéis, atingindo assim o governo os mais denodados lu-

tadores anti-imperialistas e causando imensos danos à causa dos povos árabes.

No Irão, a policia política (Savak) monta monstruosas provocações, prendendo e torturando com selvajaria centenas de militantes do Partido Tudeh.

Na Indonésia, o governo que tem as mãos manchadas com o sangue de centenas de milhares de comunistas assassinados em massa no Outono de 1965, mantém milhares de presos e continua utilizando um sangrento terror.

Na Coreia do Sul, o governo fantoche, comandado pelo imperialismo norte-americano, procura com o terror, abafar a indomável vontade do povo de se libertar do domínio norte-americano, de conquistar a liberdade, de alcançar a reunificação da sua pátria.

O Partido Comunista Português junta a sua voz à de todos os que protestam contra a repressão que em numerosos países é exercida contra os partidos irmãos e outras forças revolucionárias.

Os 50 anos do P.C.P. na URSS

Assinalando a passagem do 50º aniversário do P.C.P., numerosos actos comemorativos tiveram lugar na União Soviética.

A saudação do P.C.U.S. ao P.C.P. e um artigo do camarada A. Cunhal foram publicados no «Pravda» de 6 de Março. No «Komsomolskaia Pravda» da mesma data foi publicada uma entrevista sobre a actual situação em Portugal. Um programa especial foi apresentado na televisão soviética no dia 7 de Março e uma exposição foi realizada no Museu Marx em Moscovo. Vários jornais e revistas como «Tempos Novos», «Revista da História do PCUS nº 3», «Agitador» nº 5, publicaram artigos e notícias.

Numa cidade soviética, teve lugar uma sessão solene e um concerto inteiramente organizado e executado pelos alunos, além duma exposição sobre Portugal e o P.C.P. ao qual foi oferecido um grande quadro de Lenine, em madeira.

Numa escola superior, realizaram-se: sessão solene, jantar, exposição,

programas de televisão e de rádio dedicados ao Cinquentenário a foram oferecidos vários presentes em d'Áustria de Lenine.

O Comité das organizações estudantis do Komsomol e outras organizações estudantis de vários países fizeram um abençoado trabalho pela libertação dos comunistas portugueses presos.

Os pioneiros realizaram comícios e exposições nas escolas 31, 32, 33, 34 e 281 de Moscovo. No Pavilhão dos Pioneiros de Moscovo teve lugar um comício no dia 2 de Março, com a participação daqueles escolas, do Clube Internacional da Amizade de Iuri Gagarine, do Comité Urbano do Komsomol, do Clube de solidariedade de proletários «Cravo Vermelho» do Bairro Babuchkin, do Clube Internacional da Amizade Manuel Rodrigues da Silva e do Desfileamento de Pioneiros Manuel Rodrigues da Silva. Todos enviaram saudações e presentes ao P.C.P., algumas delas individuais.

Numa mensagem de saudação aos comunistas portugueses, Maria Fortes, membro do PCUS desde 1917 afirma designadamente: «50 anos de luta heroica e abnegada educaram e temperaram autênticos e firmes leninistas, inquebrantavelmente fiéis para toda a vida às ideias do comunismo».

O 40º aniversário do «Avante!» foi comemorado com um artigo publicado no «Pravda» de 15 de Fevereiro, uma exposição, programas na rádio e televisão, edição duma gravura e duma nota sobre o «Avante!» (numa escola superior); exposições ausiáticas no palácio dos pioneiros e em escolas de Moscovo. A célula «José Gregório» do P.C.P. enviou uma saudação aos camaradas que trabalham no «Avante!» e ofereceu-lhes uma pequena bandeira bordada.

Os comunistas portugueses realizaram reuniões comemorativas especiais do Cinquentenário em todas as células e depositaram flores na cama da camarada Manuel Rodrigues da Silva.

Os estudantes universitários portugueses levaram a cabo encontros comemorativos com os estudantes soviéticos, atenienses-orientais, que enviaram uma saudação ao nosso Partido) cubanos e, no dia 27 de Março com estudantes da Guiné, Angola e Moçambique. E entre outras iniciativas, participaram em vários programas da Rádio Moscovo para Portugal.

Da célula da Rádio Moscovo, destacamos a saudação enviada aos camaradas presos.

Encontro entre

o Partido Congolês do Trabalho e o Partido Comunista Português

Uma delegação do Partido Congolês do Trabalho, conduzida pelo camarada Claud-Ernest N. Dallah, 1º secretário do CC do Partido, teve um encontro com uma delegação portuguesa conduzida pelo camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP.

No comunicado conjunto desse encontro salienta-se que «a luta das forças democráticas e populares de Portugal e a luta do povo congolês são solidárias e dimanam do mesmo combate das forças operárias e do movimento de libertação nacional contra o imperialismo». A delegação do P.C.P. rendeu homenagem à coragem e à determinação do P. Congolês do Trabalho, que conduz o povo congolês na luta por uma vida nova.

A delegação do Partido Congolês do Trabalho rendeu homenagem à luta do Partido Comunista Português na clandestinidade contra a ditadura fascista e à sua posição sem equívoco contra o colonialis-

mo português.

As duas delegações concordaram empreender ao nível dos seus Partidos tudo o que é possível para intensificar a ajuda aos patriotas do Movimento popular de libertação de Angola (MPLA); representante das forças populares de Angola, e exprimiram a sua solidariedade aos povos da Guiné-Bissau e de Moçambique e aos seus partidos revolucionários (PAIGC e PARELMO); em luta pela sua libertação do colonialismo.

As duas delegações saudaram particularmente a luta heroica travada pelos povos do Vietnam, do Laos e do Camboja, exprimiram a sua solidariedade completa aos povos árabes, saudaram a vitória do povo da Guiné contra a agressão dos colonialistas portugueses, apoiaram a luta dos povos de Zimbawe, da Namíbia e da África do Sul contra a agressão colonial, o racismo e o apartheid, pronunciando-se finalmente pelo reforço dos laços de amizade entre os dois Partidos.

Contra a repressão

(cont. da 5ª pag.)

aqui as condições cruéis a que são sujeitos os presos políticos.

Vidas em perigo que urge salvar

Entretanto, nas Cadeias de Penitência e de Caxias, no Hospital Priebe de S. João de Deus vários presos políticos têm a vida ameaçada por graves enfermidades contraídas ou agravadas em consequência das torturas que lhes foram infligidas pela PIDE e pelos longos anos de duro cativoiro sem assistência médica.

Pela gravidade de que se revestem, destacam-se, entre outros, os casos de: Joaquim Pires Jorge, Manuel Martins Pedro, Rogério de Carvalho, Ildio Esteves, José Magro, Cabral de Matos, Gaspar Ferreira, Manuel Serra, Domingos Arouca, e Fernando Brederode.

Revigorar e ampliar a acção

A actual ofensiva repressiva do fascismo não revela força, é antes um sintoma de inquietação perante o desenvolvimento da luta popular em todas as frentes.

O governo tem que ser forçado a recuar. É necessário travar a mão dos torturadores criminosos da Pide-DGS a mando de M. Caetano, Rapazote, Viana Rebelo & Cª. É necessário intensificar mais ainda a denunciação da repressão sob todas as formas. É necessário apelar ainda mais insistentemente para as massas e mobilizá-las para novas acções concretas de protesto contra a repressão, para uma larga campanha pela amnistia geral de todos os presos e perseguidos políticos.

Xº CONGRESSO DO P.C. BÚLGARO

Com a presença de 1.500 delegados, representando cerca de 700.000 membros do Partido, e 83 delegações de partidos comunistas, partidos socialistas e movimentos de libertação nacional vindas de 82 países, realizou-se, de 20 a 26 de Abril, o Xº Congresso do Partido Comunista Búlgaro.

Entre os trabalhos do Congresso, é de salientar a discussão e aprovação do novo programa do Partido Comunista Búlgaro e das directivas para o VIº plano quinquenal. Pelo novo programa, a construção do socialismo na República Popular da Bulgária entra numa nova etapa em que se termina a construção da base material e técnica do socialismo, se aperfeiçoam as relações sociais socialistas, se enriquece a cultura espiritual, se eleva o bem-estar do povo, se supera progressivamente a desigualdade no desenvolvimento do sistema social e se

desenvolve o indeviduo em todos os aspectos.

No Congresso participou uma delegação do Partido Comunista Português constituída pelos camaradas José Vitoriano, membro do secretariado do CC, e Mário Rocha, membro suplente do CC. Pelo primeiro dos dois camaradas foi lida na tribuna uma saudação do CC do P.C.P., de que destacamos a seguinte passagem:

«Os comunistas e a classe operária de Portugal vêem na República Popular da Bulgária um exemplo bem vivo do acesso rápido ao progresso económico, social e cultural quando os trabalhadores tomam nas suas mãos os seus próprios destinos.

A delegação portuguesa depôs uma coroa de flores no túmulo de Jorge Dimitroff.